

MUDAR DE IDEIA, REAVALIAR, ERRAR

INÁCIO ARAÚJO *comenta as dificuldades das avaliações feitas em cima da hora*

É difícil conhecer o valor de um filme antes de, pelo menos, dez anos de seu lançamento. Mais do que qualquer outra arte, o cinema mistura-se à vida, a seus problemas imediatos, deixa-se penetrar por emoções existenciais ou mesmo políticas do momento.

Só para tomar um exemplo clássico: nossas chanchadas, que a tantos pareceram meras vulgaridades na sua época, hoje podem ser vistas como expressão das mais legítimas e por vezes das mais criativas de seu tempo. Ou, para ser ainda mais clássico: foram precisos mais de 30 anos até que *A regra do jogo*, de Jean Renoir, fosse reconhecido como o grande filme que hoje conhecemos (nem no lançamento em 1939, nem na reprise de 1946 o filme chamou a atenção).

Não há crítico ou cinéfilo no mundo que não tenha arrependimentos profundos a computar. Nem consigo lembrar muitos dos meus: tal filme, que me chamou tanto a atenção no seu lançamento, hoje, alguns anos depois, não consigo nem olhar para o cartaz. São as famosas “obras-primas que ninguém se conforma em reler” de que falou Borges certa vez. Reler ou rever, tanto faz.

Na minha lembrança, no entanto, existe um arrependimento imediato.

Eu havia visto e apreciado *Linha de Passe*, o filme em que Walter Salles trata de uma família pobre cujo centro é a mãe solteira de quatro filhos. Um deles, Denis, trabalha como motoboy. Dario faz testes na tentativa de se tornar futebolista. Dinho é o crente que trabalha no posto de gasolina. E Reginaldo o menino que, obcecado pela ideia de encontrar o pai, passa boa parte da vida andando de ônibus, pois o pai, ele sabe, é motorista. O filme me interessou como painel de destinos possíveis de

jovens da periferia paulistana. Mas talvez também tenha me influenciado o fato de ter ganho o prêmio de melhor atriz no Festival de Cannes (o que significa que foi apreciado pelo júri etc. e tal). Em poucas palavras, pesou também a autoridade. Como fiquei sabendo?

Poucos dias depois de ter escrito e publicado a crítica, uma amiga contou que tinha visto o filme e estava um pouco decepcionada. “Eu teria gostado mais se ele tivesse tratado de quatro crentes, ou quatro motoboys, ou quatro futebolistas”. A ficha caiu na hora. O painel, claro, é uma abstração que organiza e submete certos problemas sociais do Brasil à visão – falsa ou verdadeira, não importa, mas certamente de boa vontade – do realizador. Mas a diversidade que apresenta é falsa. A única diversidade possível, humana e cinematograficamente, consistiria em apresentar quatro irmãos com idênticas profissões, porém experiências diversas. Digamos, quatro motoboys, um dos quais poderia se tornar criminoso, outro, crente, o terceiro aspirar a jogar futebol e um quarto a buscar o pai. Cada um teria um comportamento diferente sobre a moto, decorrente de suas várias escolhas ou dos acasos que determinaram suas vidas. O filme seria não só muito mais interessante, ou seja, profundo, como verdadeiro (uma coisa vai com a outra), em vez de ser, essencialmente, um “espetáculo da periferia”.

É muito ruim perceber o engano uma semana apenas após ter visto o filme. Foi o que ocorreu daquela vez. É mais constrangedor, no entanto, quando sua avaliação é menos generosa por motivos, digamos, fúteis. Lembro bem que estávamos em 1995 ou 96 e, num festival de Brasília, assisti a dois belos, surpreendentes filmes brasileiros, num momento em que mal se conseguia filmar: *Baile perfumado*, de Paulo Caldas e Lírío Ferreira, e *Um céu de estrelas*, de Tata Amaral. Pouco depois vi *Os matadores*, de Beto Brant.

E me pareceu impossível que, naquele momento tão ruim, houvesse três bons filmes, de diretores estreados todos eles. E me recusei a levar *Os matadores* em conta. Não era pelo filme, era por acreditar que minha percepção estava alterada, talvez necessitada de encontrar bons filmes brasileiros. Foi um erro muito pior, pois dessa vez eu desconsiderara um filme por motivos extracinematográficos. Nesses casos não há muito o

que fazer: foi, foi. Vamos para a próxima.

INÁCIO ARAÚJO é crítico de cinema da Folha de S. Paulo e autor, entre outros, de *Hitchcock, o Mestre do Medo* (Brasiliense, 1984) e *Cinema, o Mundo em Movimento* (Scipione, 1995).
